

A tradição e modos de realização discursiva nos benditos populares

**Tradition and modes of discursive realization
in popular *Benditos* [religious songs]**

Camila Maria Gomes*

kk_mgomes@hotmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Luércio Araújo de Sá Júnior**

lurecio.sa@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO: Na perspectiva teórica das Tradições Discursivas (TDs), podemos perceber que os textos/discursos são portadores de tradições, o que significa dizer que apresentam regularidades discursivas ou formas textuais já produzidas pela sociedade, em momentos anteriores, que permaneceram ou se modificaram ao longo de sua existência, assim como aponta Johannes Kabatek (2001, 2003, 2005 e 2006). No domínio das culturas populares, para tanto, existem textos orais que servem a muitos objetivos interativos. A revitalização do nome próprio, a substantivação, a implementação de adjetivos acabam por revelar toda a lógica dos símbolos supradeterminantes pelo meio social e político. Dessa maneira, as estruturas verbais desses textos acabam por representar, de alguma forma, os símbolos e os valores distribuídos e instituídos socialmente, como aponta Sá Júnior (2009). Daí decorrem as explicações e regulamentações para a vida social, os símbolos parentais de educação, de trabalho, o nível dos jogos sociais (o lúdico). Portanto, nesse sentido, com o intuito de contribuir para entender os processos constitutivos desses textos, buscamos, com este trabalho, apontar algumas relações de permanência e mudança de TDs no patrimônio imaterial religioso dos quais temos contato: as novenas populares. Para isso, faremos um apanhado geral sobre a realização dos adjetivos presentes em cantos populares religiosos encontrados no Rio Grande do Norte, no município de Lajes, além de analisar a macroestrutura apresentada dos textos, levando em consideração sua forma, o campo semântico apresentado e como se estabelece o processo das Tradições Discursivas nos benditos analisados.

PALAVRAS-CHAVE: Tradições discursivas. Benditos. Movência.

* Aluna de mestrado do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem na Universidade Federal do Rio Grande do Norte

** Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba e professor adjunto na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

ABSTRACT: Based on the theoretical perspective of Discourse Traditions (DTs), we realize that texts/discourses are imbued with traditions. This means that they have discursive regularities or text forms that have already been produced by society before or, as Johannes Kabatek (2001, 2003, 2005 e 2006) puts it, that are modified throughout their existence. In terms of popular cultures, oral texts have many interactive objectives. The revitalization of proper nouns, substantivation, and adjective implementation reveal the logic of the symbols that are supradetermined by the social and political milieu. Thus, the verbal structures of these texts somehow represent the symbols and the values that are socially distributed and instituted (SÁ JÚNIOR, 2009). Explanations and regulations of social living, parental symbols of education and work, and the level of social play (the ludic) stem from them. In this way, aiming to contribute to the understanding of the constitutive processes of these texts, this article seeks to point out some relations of permanence and change in the DTs that pertain to the religious immaterial patrimony with which we have contact, namely, popular novenas. In order to do so, we will examine the general use of adjectives present in religious popular songs sung in Lajes, a city in the state of Rio Grande do Norte and analyze the texts' macrostructure. We will take into account their semantic field and the way the process of Discourse Traditions is established in the analyzed songs.

KEYWORDS: Discourse traditions. *Benditos*. Changeability.

RESUMEN: En la perspectiva teórica de las tradiciones discursivas (TDs), podemos percibir que los textos/discursos son portadores de tradiciones, lo que significa decir que representan regularidades discursivas o formas textuales ya producidas por la sociedad, en momentos anteriores, que permanecieron o se modificaron al largo de su existencia, así como apunta Johannes Kabatek (2001, 2003, 2005 e 2006). En el dominio de las culturas populares, para tanto, existen textos orales que sirven a muchos objetivos interactivos. La revitalización del nombre propio, la sustantivación, la implementación de adjetivos acaban por revelar toda la lógica de los símbolos supra determinantes por el medio social y político. De esa manera, las estructuras verbales de esos textos acaban por representar, de alguna forma, los símbolos y los valores distribuidos e instituidos socialmente, como apunta Sá Júnior (2009). De ahí decoren las explicaciones y reglamentaciones para la vida social, los símbolos parentales de educación, de trabajo, el nivel de los juegos sociales (el lúdico). Para tanto, en ese sentido, con el intuito de contribuir para entender los procesos constructivos de esos textos, buscando con este trabajo, apuntar algunas relaciones de permanencia y cambio de TDs en el patrimonio material religioso de los cuales tenemos contacto: las novenas populares. Para eso, haremos un capturado general sobre la realización de los adjetivos presentes en cantos populares religiosos encontrados en Rio Grande do Norte, en el municipio de Lajes, además de analizar la macro estructura presentada de los textos, llevando en consideración su forma, el campo semántico presentado y como se establece el proceso de las tradiciones discursivas en los benditos analizados.

PALABRAS-LLAVE: Tradiciones discursivas. Benditos. Movencia.

Introdução

Este trabalho tem como intenção inicial fazer algumas considerações em relação aos cantos religiosos denominados Benditos e, além disso, das Novenas, levando em consideração a teoria sobre as Tradições Discursivas (TD), tão bem definida por Johannes Kabatek. Para tanto, é interessante deixar claro que o presente trabalho é resultado de um estudo sobre os Benditos populares, em uma base de pesquisa científica, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Além disso, também integrante do Projeto História do Português Brasileiro no Rio Grande do Norte (PHPB-RN), no qual realizamos a transcrição de 5 (cinco) cadernos contendo Benditos e Novenas, todos recolhido do município de Lajes, no Rio Grande do Norte (RN). Em relação ao referido Projeto, trata-se de um projeto que possui alcance nacional, contando com 11 (onze) equipes espalhadas em todo o país, sendo coordenado pelo Prof. Ataliba Castilho. Aqui no RN, o Projeto é coordenado pelo Prof. Dr. Marco Antônio Martins e conta com a participação de vários professores do Departamento de Letras da UFRN. Nesse sentido, o PHPB-RN tem a intenção de coletar documentos escritos por norte-rio-grandenses, entre os séculos XVIII, XIX e XX, intencionando, para tanto, reconstruir a história da Língua Portuguesa no Brasil e, portanto, no Rio Grande do Norte.

Assim, o presente artigo tem o intuito de contribuir para o entendimento dos processos constitutivos dos textos analisados, buscando apontar algumas relações de permanência e mudança de TDs nesse patrimônio imaterial religioso. Vale salientar, contudo, que se trata de uma pesquisa ainda em desenvolvimento e que, portanto, apresenta resultados parciais e, assim, ainda serão aperfeiçoados e melhor analisados. Para tanto, analisaremos dois cadernos que apresentam novenas, recolhidos do município de Lajes, no Rio Grande do Norte. Inicialmente, podemos dizer que, nesses textos observados, assim como assinala Durand, o *Sermo Mythicus* passa a ser dominante, apagando-se, portanto, o “sujeito da ação para dar ênfase à “ação” expressa”, assim como podemos verificar que acontece nas Ladainhas presentes nas novenas. Portanto, alguns traços são observados como marcantes nesses textos (substantivação, implementação de adjetivos) e revelam uma lógica simbólica pertencente ao meio social e político.

Como levaremos em consideração a teoria das TDs, devemos estabelecer que, de acordo com essa, os textos são portadores de tradições, ou seja, apresentam regularidades, semelhanças discursivas ou formas textuais já produzidas pela sociedade, em momentos anteriores, que permanecem ou se modificam ao longo de sua existência, assim como apresenta Kabatek (2001, 2003, 2005, 2006).

Para averiguar a presença ou não desses e de outros aspectos, faremos uma análise sobre:

- (i) A apresentação da macroestrutura textual.
- (ii) Como se estabelece os papéis discursivos desses textos.
- (iii) Como se dá a presença dos adjetivos nessas novenas.

Desse modo, daremos continuidade ao nosso artigo, trazendo, no referencial teórico, as principais teorias acerca das Tradições Discursivas, levando em consideração a utilização dos Benditos e, portanto, das novenas, tradições populares a serem analisadas. Em seguida, apresentaremos o *corpus*, composto por dois cadernos com novenas, recolhidos do município de Lajes, no estado do Rio Grande do Norte. Nesses analisaremos os seguintes aspectos propostos no âmbito do nosso projeto: (i) analisar a apresentação da macroestrutura textual; (ii) observar como se estabelecem os papéis discursivos nesses textos; (iii) analisar como ocorre a presença dos adjetivos, para o estabelecimento do sentido textual.

1 Referencial teórico

Para fundamentar este trabalho, utilizaremos, inicialmente, a definição do que vem a ser Tradição Discursiva, utilizando os pressupostos conceituais de Johannes Kabatek e Eugenio Coseriu.

Dando prosseguimento a essa abordagem, podemos perceber que há pouco tempo no Brasil o conceito e os questionamentos acerca das Tradições Discursivas (TD) vêm sendo bastante abordados, sendo conceitos empregados nos estudos diacrônicos que analisam a história do português brasileiro.

De acordo com Johannes Kabatek (2006), o conceito de Tradição Discursiva (TD) nasce dentro da linguística alemã. Tal conceito é postulado por Peter Koch e Wulf Oesterreicher (1996), que definem as TDs levando em conta a língua como

sistema gramatical e lexical, além da presença de modos tradicionais de organizar/usar a língua, o que culmina em certas tradições. Assim sendo, grande parte dos romanistas alemães levam como fundamentação teórica a distinção estabelecida por Eugenio Coseriu a respeito dos três níveis da fala.

As TDs estão diretamente ligadas à historicidade das línguas. Assim, como aborda Kabatek (2006), as TD, inicialmente, poderiam ser entendidas como “modos tradicionais de dizer as coisas, modos que podem ir desde uma fórmula simples até um gênero ou forma literária complexa”. Ainda nesse sentido, o traço que define as TD é a relação textual em um dado momento histórico e outro anterior. Trata-se, portanto, de uma relação de tempo em que há a repetição de algum aspecto, seja total ou parcial. Porém, deve-se ressaltar que nem todas as repetições observadas em textos podem ser consideradas como TD.

Em outras palavras, para um texto possuir marcas de TD, deve-se levar em consideração uma série de aspectos, como a historicidade, repetições relevantes e que estejam ligadas e uma intenção comunicativa específica. Como expõe Kabatek (2006, p. 512):

Entendemos por Tradição Discursiva (TD) a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semiotocamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos lingüísticos empregados.

Assim, as TDs se relacionam a atos de fala mais simples a atos mais complexos, a partir daquilo que é determinado pelas relações culturais. Prosseguindo nesse sentido, para Pinto Correia (*apud* SÁ JÚNIOR, 2012, p. 190):

Nas culturas populares, as Tradições Discursivas se definem como um conjunto de textos orais que, tendo sido criados em datas situáveis e desconhecidas, foram aceitos e transmitidos pela cadeia de oralidade, posteriormente pela escrita em comunidades pouco ou nada letradas.

Para tanto, a oralidade possui papel fundamental: fazer com que esses textos cheguem à comunidade, seja, desse modo, transmitindo e retransmitindo, se

espelhando em diversas regiões e assumindo formas variadas. Sá júnior (2012) faz uma explanação sobre os Macroconjuntos da literatura oral tradicional, observadas por Pinto-Correia (1993, p.65):

- 1 Prático-religioso, que leva em consideração o sentimento e o afeto de confessionalidade ou até de práticas de crenças e superstições;
- 2 Narrativo-dramáticas, que é formado por textos que, em sua maioria, é em prosa e que comunicam ações completas, com a presença de diálogo;
- 3 composições dramáticas, que leva em consideração as peças e diálogos do cotidiano popular.

Assim, é possível observar nas novenas analisadas a presença do primeiro macroconjunto, prático-religioso, com composições de caráter prático-utilitários, levando em consideração as práticas de intenção mágica e religiosa. Assim, nas culturas populares, essas marcas linguísticas, embora estejam sempre presentes, se configuram de formas distintas de acordo com a região e, assim, sociedade.

Em relação a esse aspecto, abordaremos também a ideia construída por Paul Zumthor (1993, p. 75) de que “todo discurso é ação, física e psiquicamente efetiva”. O poder atribuído à palavra, poder-se-ia dizer, é o que dá vida ao povo. Se formos analisar, todos os campos da sociedade se fundamentam através da palavra, que manda, impera, modela os atos e ações.

Nesse sentido, falar em “palavra”, na sua real ideia, implica em admiti-la como algo que possui um poder imensurável, que é capaz de decidir, se assim podemos dizer, rumos no mundo, como aponta Paul Zumthor (1993). É daí que se estabelece a “riqueza das tradições orais”, de acordo com Zumthor (1993). O que podemos verificar nos benditos e, desse modo, na sua história é que a comunidade, ao realizar suas novenas, faz dos santos um espelho real e leal; a comunidade procura se espelhar nas ações dos santos e fazem do discurso utilizado algo para se levar para a vida.

Ainda nesse sentido, Zumthor (1993, p. 139) aponta que “[a] voz poética assume a função coesiva e estabilizando sem a qual o grupo social não poderia sobreviver”. Ou seja, é por meio da voz do povo que essa “voz poética” se apresenta e passa a ser conhecida pelo povo, passando pelos mais diversos discursos e, assim, fazendo-se como uma “referência permanente e segura” (ZUMTHOR, 1993, p. 139).

Portanto, como explica Zumthor (1993, p. 139), “[a] voz poética é memória”, no sentido em que os discursos proferidos pela comunidade passam a fazer parte da vida e história daquele povo e, assim, a habitar na memória da comunidade.

É interessante verificar, ainda, o que Zumthor discute a esse respeito, ao proferir a noção de “falsa reiterabilidade”. Para ele, essa noção “constrói o traço principal da poesia oral, fundamentando seu modo de existir fora da performance” (ZUMTHOR, 2010, p. 257), ou seja, a poesia oral não é aleatória. Ela também não deve possuir performances variadas, por isso a utilização de mecanismos que servem para aplicar essa “falsa reiterabilidade”, como no nosso caso, com os textos analisados: apesar de terem sido produzidos oralmente, o “armazenamento” desses na memória é, portanto, história da comunidade.

A análise dos benditos populares aqui estudados perpassa bastante sobre o que Paul Zumthor (1993, p. 35) colocou sobre a oralidade: “Admitir que um texto, num momento qualquer de sua existência, tenha sido oral é tomar consciência de um fato histórico que não se confunde com a situação de que subsiste a marca escrita, e que jamais aparecerá (no sentido próprio da expressão) a nossos olhos”. Ou seja, ao estudar os benditos a partir dos cadernos recolhidos, verificamos que apesar da recolha ser escrita, manuscrita, há a oralidade intrínseca nos textos; em outras palavras, não haveria, nesse caso específico, o material escrito se antes não tivesse sido oralmente produzido. Assim, observamos nos textos analisados, assim como aponta Zumthor (1993), que há uma espécie de “rumor”, no qual podemos verificar uma voz que se evoca dele.

Zumthor (1993, p. 35) fala ainda sobre um “índice de oralidade”, que, segundo o mesmo autor, está intrínseco no texto e corresponde a “intervenção da voz humana em sua publicação”. Para ele, “os textos musicalmente notados formam juntos, em comparação a todos os outros, um contexto significativo que conota fortemente uma situação global, porque manifesta a existência de uma ligação habitual entre a poesia e a voz” (ZUMTHOR, 1993, p.36), e é isso que podemos verificar nos benditos e, assim, nas novenas. A musicalidade e, portanto, oralidade está fortemente perceptível nesses textos, e podemos observar isso, principalmente, por meio das rimas, tanto internas quanto externas.

Ainda de acordo com Zumthor (1993), há dois tipos de palavras e essas, por sua vez, não são apenas meras palavras, mas bem mais que isso. Primeiro, há a *palavra ordinária* e em segundo, a *palavra-força*. A primeira delas é a palavra da

banalidade, que é demonstrada de forma superficial, enquanto a segunda é a palavra mais fixa, advinda de “arquivos sonoros de massas” que, por vezes, ainda ignora a forma escrita. É o modelo de palavra que é utilizado em grande maioria por, assim como mostra Paul Zumthor (1993, P. 75), “velhos, pregadores, chefes, santos e poetas”. Não se trata, portanto, de uma palavra que circula em qualquer ambiente, mas tem seus lugares específicos.

A igreja católica, até o século XII, utilizava-se da palavra, da “tradição” oral como forma de dogma e, desse modo, impunha suas doutrinas aos fieis se utilizando da oralidade. Contudo, a palavra não era usada, nesse sentido, somente como meio de transmitir uma doutrina, mas era “fundadora de uma fé”.

Nesse sentido surgia a “religião popular”, uma espécie de “cristianismo misturado de sobrevivências animistas”. Nessa “religião”, os ensinamentos eram transmitidos através da oralidade, de boca a boca, e por meio dessa mesma oralidade era passada a “verdade”, assim como podemos verificar na prática dos Benditos.

Em relação a esse gênero, trata-se de textos, por assim dizer, que não conservam uma forma fixa, sua *movência* é muito grande e alguns, assim como aponta Sá Júnior (2009), carregam “fragmentos de poemas da música cristã oficial, mas também há uma influência muito diversificada, criações próprias do povo”.

Nesse sentido, fazer uma análise de textos pertencentes à tradição oral significa que temos de olhar para um texto (ou discurso) que não possui padrões, uma vez que a tendência é que os textos se multipliquem em suas variantes, mesmo que apresentem algumas marcas textuais e linguísticas específicas. As variações relacionadas ao aspecto linguístico residem nos campos lexical, morfológico, semântico-discursivo, dependendo do rito, tempo e lugar em que se encontrem.

O resultado das pesquisas mostra que o repertório das celebrações populares religiosas se define como um espaço híbrido, no qual as funções e dinâmicas sociais aparentemente incompatíveis com o universo do sagrado institucionalizado encontram um acolhimento natural. Com as novenas, se pode identificar ao longo dos séculos a vitalidade e a energia popular inegáveis para constituir tanto estética como ideologicamente seu próprio gênero litúrgico.

A partir da noção de gênero formulado por Bakhtin, Sá Júnior também verifica os deslocamentos ocorridos nas formas de textualização, alguns aspectos da tradição discursiva permanecem, e determinados elementos do canto mudam por

conta de uma nova conjuntura sócio-política, econômica e cultural. Nesse sentido, o canto refere-se às condições de processamento de interação, diz respeito às questões envolvidas no ato comunicativo em que o texto é produzido e recebido. Assim, pertencem ao seu domínio as determinações pragmáticas de fatores como: contexto situacional, interação e aceitação comunicativas, valores e crenças dos participantes na interação – produtor e receptor -, enfim, todos os aspectos ou constituintes situacionais que interferem na produção de sentido textual, definindo-o.

Cotejando a recorrência do canto em espaços geográficos distintos, em espaços temporais variados e em sistemas de culto diversos, nossa pesquisa pretende revelar quais *categorias* constituem esse tipo de texto.

2 Análise dos dados

A análise do *corpus* recolhido para esta pesquisa está inserida em cadernos de Benditos recolhidos no município de Lajes, Rio Grande do Norte, com data de 1993. Para tanto, os cadernos analisados são abordados como macroestrutura, apresentando sua composicionalidade a ser considerada como pertencente a uma Tradição Cultural/Discursiva, na qual é possível observar: título com o nome da novena a ser apresentada (“Novena do mez de Maio”, por exemplo³), orações iniciais, orações específicas (como jaculatórias e ladainhas, por exemplo) e benditos, que são inseridos nas novenas, mas que apresentam, dependendo da novena, temáticas distintas e peculiares.

Para uma análise inicial, fazendo uma apreciação da macroestrutura dos cadernos, podemos verificar que o primeiro caderno é composto por duas novenas, enquanto que o segundo é composto por três novenas. O primeiro faz menção apenas a imagem de Nossa Senhora, com a “Novena do mez de Maio” e a “Novena de Nossa Senhora”; o segundo apresenta, além de novenas ligadas à imagem de Nossa Senhora (Novena de Nossa Senhora), apresenta duas outras novenas ligadas à figura de santos (masculinos): “Novena de São José” e outra novena que, apesar de não apresentar título, verifica-se que se trata de uma novena de São Sebastião, em virtude dos bendito oferecidos ao mesmo Santo.

Ainda nesse sentido, de um modo geral, as novenas, tanto do primeiro quanto do segundo caderno, obedecem a certo padrão estrutural, como, por exemplo, a presença de orações específicas ao iniciar a novena, como o bendito “A nós descei

Divina Luz” e o bendito “Vinde Espírito Santo”. Para tanto, podemos perceber que há uma diferenciação de localização desses dois cantos (Vinde Espírito Santo e A nós descei divina Luz) nas novenas, embora todas as novenas em análise tenham apresentado ambos os cantos. Além desse aspecto, todas as novenas analisadas apresentam Jaculatória, Oração Preparatória, Ladainha, Oferecimento, além de Benditos que compõem o ritual.

Em relação ao conteúdo, podemos observar que a primeira novena analisada (encontrada no primeiro caderno analisado) trata-se de um peditório, com ato de fala emotivo e apelativo, no sentido de se preparar para o início da novena. O teor apelativo pode ser observado na última parte, quando os fieis mostram total dependência e, portanto, necessidade dessa “divina luz” para a continuidade do ritual. Como exemplo, temos:

|| A nós deçeis divina a luz | A nós deçeis divina a luz | em nosas alma açendei | O a mor o a mor é de jesus. || Sem vós espirito divino | çego só pudemos errar | enumais triste des atino | no mais profundo o bismo |sem fim é de penar || Novena do mez de Maio | 1º | Vinde espirito Santo ençhei | os corações de vossos fieis | açendei neles o fôgo do Nosso | amor mandai ao Nosso esperito | e tudo será criado Renovarei | a face da terra. Deus vinde | me ajudar o Senhor apreçai - | vos em me socorrer gloria | seja ao pai ao filho ao espirito | Santo assim como era no prin- | çipio agora e sempre sem | fim a mem 2º oração | Fim preparatoria [fol. 1r]⁴

Posteriormente, há uma oração cuja intenção é pedir, mais uma vez, que o espírito santo encha os fieis do fogo do seu amor para que, assim, sejam “purificados” e prossigam no rito. É importante observar que os fieis sempre se encontram em uma posição de dependência do ser divino e apela para que suas preces sejam prontamente atendidas. Exemplificando, temos:

Vinde esperito Santo ençhei | os corações de vossos fieis | açendei neles o fôgo do Nosso | amor mandai ao Nosso esperito | e tudo será criado Renovarei | a face da terra. Deus vinde | me ajudar o Senhor apreçai - | vos em me socorrer gloria | seja ao pai ao filho ao espirito | Santo assim como era no prin- | çipio agora e sempre sem | fm a mem 2º oração | Fim preparatória

Há uma evocação ao espírito santo, fazendo o pedido já mencionado, seguido de um pedido mais explícito. Citamos o exemplo a seguir:

Deus vinde | me ajudar o Senhor apreçai - | vos em me socorrer gloria | seja ao pai
ao filho ao espirito | Santo assim como era no prin- | çipio agora e sempre sem | fim
a Mem.

É interessante perceber que até nos dias atuais há, ainda, uma estrutura semelhante, principalmente da parte final dessa oração. Um exemplo disso seria a oração apresentada atualmente na Igreja Católica¹:

ORAÇÃO AO ESPÍRITO SANTO

Vinde Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis

E acendei neles o fogo do Vosso amor.

Enviai o Vosso Espírito e tudo será criado, e renovareis a face da terra.

OREMOS:

Deus, que instruístes os corações dos vossos fiéis com a Luz do Espírito Santo,
Fazei que apreciemos retamente todas as coisa, segundo o mesmo Espírito,
E gozemos sempre da Sua consolação, por Cristo Senhor Nosso. Amém!

Depois dessa oração há uma “Oração Preparatoria”. Nessa, há bastantes elementos atributivos ao ser divino, como “onipotente e eterno Deus”; “a mais amável criatura”, se referindo à Nossa Senhora. No início da oração há uma evocação a Deus, e através de Nossa Senhora o fiel encaminha as súplicas a Deus, seguido de uma breve narrativa que remete à morte de Cristo: “de vos ter obitado o madeiro tão pezado”. Depois, direcionando-se à Nossa Senhora, há uma narração emotiva que relata o motivo da súplica: “minha dor fora tão grande que correspondera as ultimas ofenças com que vos tenho tratado”, há um visível arrependimento pelos pecados cometidos na vida, seguindo-se da certeza de que a misericórdia de Nossa Senhora será maior e, assim, obterá o perdão procurado. No

¹ Fonte: <http://www.catolicoorante.com.br/oracoes.html#oracao12> Acesso em: 04 abr. 2012

Inal da oração, há uma promessa de que por meio de Nossa Senhora o fiel não mais pecará.

Na jaculatória, que são orações curtas, nesse caso invocação à Nossa Senhora, há, no início, uma espécie de apropriação marcada pelo pronome possessivo “minha”, o que parece ser utilizado para dar mais propriedade à oração, e uma aceitação das culpas cometidas, o que mostra a total submissão à Santa.

No final da oração, há um pedido de aceitação das preces, que são rezadas com a finalidade de obter misericórdia de Deus, por intermédio de Nossa Senhora.

Em um momento seguinte, há a “Ladainha de Nossa Senhora”. Nela, o canto é feito em Língua Latina e nele podemos observar várias atribuições dadas à Nossa Senhora: “Santa Maria, Santa Deus Genitrix, Santa Virgon Virgennum”, no final do canto, seguido de vários qualificadores distintos.

Depois há uma reza: “Salve Rainha”. Essa oração é diferente da tradicional, vista na Igreja Católica atualmente. É breve, e faz uma espécie de pedido para que Nossa Senhora salve o mundo, seguindo de adjetivações que exaltam a santa: “Salve mãe toda divina, Salve ó cheia de graça, Salve estrela matutina”. Podemos verificar isso na comparação das duas formas a seguir:

Salve Rainha (atual) Salve, Rainha, Mãe misericordiosa, vida, doçura e esperança nossa, salve! A vós brandamos os degregados filhos de Eva. A vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas. Eias, pois, advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos a nós voltei, e depois deste desterro mostrai-nos Jesus, bendito fruto de vosso ventre, ó clemente, ó piedosa, ó doce sempre Virgem Maria. Rogais por nós Santa Mãe de Deus. Para que sejamos dignos das promessas de Cristo. Amém.	Salve Rainha (recolhida nos cadernos transcritos) Salve Rainha salve do mundo senhora vire [fol. 3v] Salve mãe toda divina Salve ó cheia de graça Salve estrela matutina Reposta 1º Salve do mundo Senhora Salve do çõe a luz pura Salve a divina Maria Salve a mãe de ternura 2 Salve do mundo Senhora Salve mãe do criador Venha na vossa bondade Teu poder é teu a mor 3 Salve do mundo Senhora Salve o templo da trindade Sentiu sempre teus votos Teu amor tua bondade 4 A mãe de Deus escolheu Da quela palavra e terna Assim libera tiadora Como espoza sua eterna 5 Fim [fol. 4r]
---	--

O interessante é que há uma “Resposta” a essa primeira oração, com as mesmas características da primeira, sendo que um pouco mais longa. Nessa podemos observar a repetição de alguns elementos: “Salve do mundo Senhora”, que se segue de um pedido: “Salve o tempo da trindade”, “Daquela palavra eterna”, e de uma adjetivação, qualificação atribuída à Santa: “teu amor tua bondade”, “teu poder é teu amor”. Em seguida há um bendito cujo título é “Hino da Padueira”. Inicialmente, há uma evocação e exaltação à virgem pura, seguindo-se de uma narração curta, que primeiro faz uma exaltação e em seguida pede a benção da santa.

Nesse bendito, percebemos que alguns elementos são bem fortes, como os epítetos, que dão qualificações à Santa: “Nossa senhora mãe bela é rosa...”, “Nossa Senhora manhã sagrada...”, “Nossa senhora templo precioso...”.

Há, novamente, uma “jaculatória de Maio”, que difere bastante da primeira. Essa jaculatória, diferentemente na inicial, traz uma espécie de narração, contando, ressaltando a tristeza e o pesar sentido por Nossa Senhora em várias circunstâncias, sempre acompanhado de um pedido de perdão. Nesse sentido, observamos que há também semelhanças entre as duas ladainhas, sendo o pedido de perdão o mais visível, e ainda um reconhecimento de submissão à Santa.

Em seguida, há uma pequena oração em latim, seguindo-se de um “Bendito do mez de Maio”. No início há uma pequena narração, com o oferecimento do bendito à Virgem Maria. A estrutura “Fui o campo apanhar flor” é recorrente em todo o canto.

No final do bendito, há novamente o oferecimento do canto e se percebe a alegria do fieis em virtude do dia e do mês de Maio, que para a Igreja Católica tem grande relevância. Observemos no exemplo a seguir:

Quando eu çeguei na Igreja Foi um dia de alegria Hoje é o primeiro dia Do Santo mez de Maria 6 O feresço estas capelas A sempre Virgem pia Que me leve lá ao çeu 7 Fim
--

Percebe-se que esse bendito é cantado no primeiro dia no mês, como é mostrado no próprio canto, por isso que não se trata de um bendito recorrente no caderno das novenas. Logo depois há outro bendito cujo título é igual ao anterior. Trata-se de um bendito mais longo, que deixa visível a alegria da festa do “mês de

Maria”, iniciando-se com uma narração e um pedido para que todas as coisas ruins se afastem dos fieis e que eles possam festejar. É interessante a relação que se estabelece entre o mês de maio e as flores, o que também é observado no primeiro bendito do “mês de maio”. No terceiro Bendito de Maio, há também a mesma menção feita às flores e à alegria, em forma de uma narração. Há ainda a repetição da expressão “o coração de Maria” ao final de todas as estrofes do bendito.

Em seguida há o “Bendito do último dia”. Com estrutura semelhante das anteriores, nesse há o oferecimento das flores em agradecimento à Nossa Senhora, seguindo-se de um fechamento que deixa claro que apesar do mês acabar, não se acabarão os louvores à Nossa Senhora. Depois, há outro bendito, igual ao primeiro, apresentando a mesma estrutura e características.

Depois há a “Despedida de Maio” que dá um fechamento aos cânticos da novena. Sua estrutura é diferente do “Bendito do último dia”. Nele há uma despedida, que, de certa forma, retoma algumas características dos outros benditos e da própria novena como um todo. É ressaltado que o mês de maio é dedicado à Maria, qualificando Nossa Senhora como virgem pura: “O virgem sempre pura”, pedindo para que as preces sejam atendidas, e que não se caia nas tentações mundanas. Há algumas estruturas que se repetem ao final de cada estrofe: “A Deus minha mãe a Deus” e “a Deus...”. Em seguida, há um outro bendito em resposta a Despedida: “a Resposta”. Nesse há a repetição da expressão “com minha mãe estarei” em todas as partes do bendito.

Se referindo à Nossa Senhora, há os epítetos “Mãe de toda pureza” e “Mãe de suma bondade”. É perceptível, nesse bendito, a imagem construída de Nossa Senhora: mãe pura, intercessora, fiel, bondosa. Depois há um “Hino no céu”, que se assemelha ao anterior, pela referência feita ao céu e à Maria. A felicidade, alegria ao se referir à imagem celeste é visível.

Seguindo-se há o “Hino a Maria”. Esse bendito conta uma história curta, tendo a expressão “Existe um nome que...” bastante recorrente no bendito, fazendo menção à Nossa Senhora, no caso, Maria. Ao final do canto há a “revelação” a que se refere o “nome”: “Maria é o nome em que Deus resume | Todo o perfume dos amores seu”. Também há referência ao céu, mas de forma breve.

O último bendito da novena é o “Hino Nossa Senhora de Fátima”, que apresenta uma estrutura mais longa que os anteriores e faz uma narração da história de Nossa Senhora de Fátima. Nele percebemos o diálogo entre Nossa

Senhora e as crianças que a viram pela primeira vez, mas de forma implícita, sem marcadores explícitos. Nossa Senhora faz pedidos e assim percebe-se que ao seguir esses pedidos os fiéis serão salvos. Desse modo termina-se a “Novena do mez de Maio”.

Considerações finais

Os aspectos composicionais dessa novena podem ser vistos, também, nas outras novenas em análise. O que diferencia, em especial, são as temáticas dos benditos e algumas orações, que são específicas para cada santo. Além disso, podemos verificar que todas as novenas seguem uma coerência textual, ou seja, cada oração, cada bendito cantado tem seu lugar específico, e não aleatório, na novena.

Ainda nesse aspecto, mas levando em consideração os papéis discursivos presentes nessas novenas, podemos constatar que esses textos acabam refletindo os papéis dos sujeitos na sociedade, seja o que, de fato, espelha as atitudes na coletividade, seja o reflexo daquilo que se gostaria de verificar na vida em sociedade.

Fazendo uma breve análise sobre o terceiro objetivo proposto no início do trabalho, em relação ao adjetivo, podemos perceber que em seu conceito mais básico, o adjetivo pode ser entendido como sendo o termo responsável por expressar qualidade ou característica de ser, e, além disso, estar ao lado do substantivo. Nesse sentido, o adjetivo pode ser classificado como: Explicativo: responsável por exprimir qualidade própria do ser; e Restritivo: responsável por exprimir qualidade que não é característica do ser.

Nesse sentido, observamos que as novenas apresentam tanto os adjetivos restritivos, quanto os explicativo, sendo que nas ladainhas, por exemplo, verificamos a maior parte dos adjetivos sendo Restritivos, como, por exemplo, em “estrela do mar”, “vaso celestial”. Enquanto nos Benditos, podemos observar a maior parte dos adjetivos como sendo do tipo explicativo, uma vez que eles acabam por exprimir a qualidade dos seres, como, por exemplo, em “santo poderoso”, “eterno Deus”, “amável criatura”, entre outros.

REFERÊNCIAS

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KABATEC, Johannes. Tradições Discursivas e mudança lingüística. In: LOBO, Tânia [et al] (Org.) *Para a História do Português Brasileiro: novos dados, novas análises*. Salvador: EDUFBA, 2006. Volume VI, Tomo II.

OESTERREICHER, Wulf. Lo hablado em lo escrito: reflexiones metodológicas y aproximacion a uma tipologia. In: KOTSCHI, Thomas; OESTERREICHER, Wulf; ZIMMERMANN, Klaus (Eds.). *El espanol hablado y La cultura oral em Espana y Hispanoamerica*. Frankfurt am Main: Verwuert; Madrid: Iberoamericana, 1996.

SÁ JÚNIOR, Lucrécio Araújo de. *A teoria dos atos de fala na filosofia da linguagem*. João Pessoa: UFPB, 2006 (Dissertação de Mestrado).

SÁ JÚNIOR, Lucrécio Araújo de. Traços de permanência e mudança da memória ibérica no Rio Grande do Norte. In: *História do português brasileiro no Rio Grande do Norte: análise linguística e textual da correspondência de Luís da câmara Cascudo e Mário de Andrade*. Natal: EDUFRN, 2012.

SÁ JÚNIOR, Lucrécio Araújo de. *Vozes benditas: entre o nomadismo e a performance estão os atos*. João Pessoa: UFBP, 2009 (Tese de Doutorado).

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Trad. Jerusa Pires Ferreira (et al.). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção e leitura*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Educ, 2000.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a literatura medieval*. Trad. Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.